

## **AMOR E EDUCAÇÃO LIBERTADORES EM BELL HOOKS** **[LIBERATING LOVE AND EDUCATION IN BELL HOOKS]**

**Halina Macedo LEAL**

Doutora em Filosofia (USP) Professora na Universidade  
Regional de Blumenau (FURB).  
E-mail: halina.leal@gmail.com

### **RESUMO**

bell hooks desenvolve suas reflexões sobre o amor e a educação, articulando questões teóricas com demandas de grupos socialmente subalternizados. hooks parte de experiências de quem vivenciou o lugar da margem na sociedade. Com suas narrativas reflexivas, ela nos convoca a pensar o amor e a educação para além de perspectivas egóicas e autocentradas para pensá-los enquanto campos de atuação política. Nessa perspectiva, buscarei analisar alguns aspectos do amor e da educação segundo a pensadora, com vistas à análise e compreensão da contribuição desses conceitos para a superação de distintas formas de opressão e de dominação sociais.

**Palavras-chave:** bell hooks, amor, educação, gênero, raça.



1

### **ABSTRACT**

bell hooks develops his reflections about love and education, articulating theoretical issues with the demands of subordinated groups. hooks considers her experiences as person who experienced the marginal place in society. With her reflective narratives, she invites us to think about love and education beyond an egoic and self-centered perspective to think about them as fields of political action. In this perspective, I will seek to analyze some aspects of love and education according to the thinker, with a view to analyzing and understanding the contribution of these concepts to overcoming different forms of oppression and social domination.

**Keywords:** bell hooks, love, education, gender, breed.

## Introdução

Gloria Jean Watkins nasceu em 1952, em Hopkinsville, Kentucky, numa família norte-americana da classe trabalhadora. Gloria adota o pseudônimo bell hooks em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, e em letras minúsculas para enfatizar o conteúdo do que é expresso por ela em seus escritos, e não a sua pessoa. hooks sempre afirmou que “o mais importante são seus livros e não quem ela é”, pois, segundo a pensadora, nomes e títulos não devem ter mais valor do que ideias. Embora enfatize esse ponto, ela salienta também o fato de ser a partir de determinado lugar que teorizamos a respeito das mais variadas inquietações que nos assolam. Nesse sentido, é importante compreendermos o lugar de onde bell hooks se expressa e suas experiências cotidianas, ou não tão cotidianas. É significativo conhecermos um pouco da pessoa de bell hooks e de suas vivências para não somente interpretarmos seus pensamentos, ou teorizarmos a partir destes, mas para que possamos refletir acerca de nossas próprias experiências e ações, tendo como base seu modelo teórico-prático de abordar distintos temas.

bell hooks viveu o período de segregação racial durante a sua infância e o movimento de “dessegregação” durante a sua adolescência. Ela vivenciou, enquanto mulher negra, experiências de quem está à margem da sociedade, expressas por vulnerabilidade política, social, invisibilidades e violências. A partir desse lugar, hooks teoriza a respeito das opressões de gênero, de raça e de classe presentes no contexto social. Tais eixos de opressões perpassam sua vasta obra que pode ser delimitada em quatro grandes áreas de análise, reflexão e atuação: o feminismo negro, a crítica cultural, o amor e a educação.

Com relação ao amor e à educação, hooks escreve trilogias. A trilogia sobre o amor abarca os textos: *All bout love: new visions (Tudo sobre o amor: novas perspectivas)* (2000/2020), *Salvation: black people and love. (Salvação: pessoas negras e amor)* (2001), *Communion: the female search for love (Comunhão: a busca feminina pelo amor)* (2002). Sobre educação, seus textos são: *Teaching to Transgress: education as the practice of freedom (Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade)* (1994/2017), *Teaching Community: a pedagogy of hope (Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança)* (2003/2021), *Teaching Critical Thinking: practical wisdom (Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática)* (2013/2020).



Seja no que se refere ao amor, apresentado como ação, ou à educação, compreendida por ela como teoria-prática libertadora, vemos a reafirmação de hooks em teorizar a experiência e experienciar a teoria num caminho que visa à conscientização e à libertação não somente individuais, mas de forma coletiva. A partir de reflexões sobre grupos socialmente subalternizados, ela volta seu olhar para como as pessoas desenvolvem suas capacidades de amar, de serem amadas, de educar e de serem educadas em sociedades patriarcais, racistas e classistas. Embora os desafios sejam grandes, hooks enxerga no amor e na educação meios de libertação dessas opressões, na medida em que a consciência seja meio para conduzir as pessoas à ação em direção à coletividade.

No presente texto, busco apresentar as temáticas do amor e da educação segundo bell hooks, com vistas à compreensão de ideais de amor e de educação que possibilitem a libertação de opressões de gênero, raça e classe, no contexto social.

### **Amor Ético e Político**

Para bell hooks, o amor é ação e enquanto ação é comprometimento. Um comprometimento individual e coletivo, o qual permite às pessoas se enxergarem como interconectadas e interdependentes. hooks reivindica o “amor” como importante ferramenta de combate e de transformação de condições materiais injustas. O amor é, para ela, força espiritual e política capaz de transformar todas as esferas da vida das pessoas, seja no âmbito das relações íntimas, sociais ou políticas.

Um elemento fundamental de compreensão do amor segundo hooks é a noção de coletividade. Ela afirma que existe no ser humano uma disposição em se engajar em comportamentos altruístas, o que presume a existência de uma capacidade moral positiva e permite o desenvolvimento de uma ética amorosa. hooks salienta, portanto, a capacidade do ser humano em ir além de si próprio e de trabalhar por causas que podem ou não o beneficiar diretamente. Segundo ela: “Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos.” (HOOKS, 2020b, p. 123) Nesse sentido, o amor enquanto ação, compreendido nos termos dessa ética amorosa, é possível de se desenvolver em todas as dimensões da vida humana e “pressupõe que todos têm o direito de serem livres, de viverem bem e plenamente” (HOOKS, 2020b, p. 123). Para



hooks, para trazer a ética amorosa para todas as dimensões da vida humana, a sociedade precisa se modificar. (HOOKS, 2020b, p.123)

A pensadora, influenciada pelas reflexões de Erich Fromm, o qual afirma que “mudanças nas estruturas sociais são necessárias para que o amor se torne um fenômeno universal e não altamente individualista e marginal.” (HOOKS, 2020b, p.123), defende a ética amorosa como o único caminho que neutraliza os efeitos negativos do que ela define como um “patriarcado imperialista capitalista de supremacia branca”. Ela identifica tal perspectiva como incorporada à sociedade estadunidense, mas que pode ser ampliada a todas as sociedades patriarcais, estruturadas no racismo, machismo, sexismo e elitismo classista.

A ética amorosa vem do reconhecimento da interdependência e da necessidade de as pessoas assumirem compromissos umas com as outras e com tudo que as cerca. hooks salienta o quanto isso é difícil em sociedades estruturadas em relações de poder e opressão. Segundo ela, a “cultura de dominação” em que vivemos se reforça ao colonizar nosso entendimento sobre nós mesmos. Isso ocorre, na medida em que a principal dinâmica de sociedades marcadas por relações de opressão é a desvalorização e desumanização das pessoas. No modo como os sistemas opressivos funcionam, as pessoas respondem à desumanização pela qual são submetidas atacando individualmente umas às outras ou grupos entre si, mais do que voltando-se contra o sistema que mantém essa lógica de desvalorização, de desumanização e de cisão entre as pessoas. Na sua análise, hooks salienta o quanto o que ela denomina de “patriarcado capitalista supremacista branco” se beneficia com esta cisão e com a falta de conexão das pessoas umas com as outras.

Para hooks, compreender como esse processo funciona é essencial para caminharmos em direção ao amor:

Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor – “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” – em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital (...) (HOOKS, 2020b, p. 130)

É nesse sentido que encontramos, com relação ao amor, a recorrente ênfase na teoria conectada às experiências, presente em seus escritos. De acordo com essa visão, a



teoria ajuda a explicar como as coisas funcionam. Ela atua como um decodificador com o qual damos sentido ao que vivenciamos. Em outras palavras, a teoria nos ajuda a compreendermos como sistemas de poder se articulam e qual o nosso lugar nessa articulação; nos permite compreender as relações de interdependência existentes entre nós e todas as outras pessoas que estão em localizações sociais distintas das nossas. O conhecimento e reconhecimento da interdependência se constitui em elemento importante na compreensão da ética do amor que hooks propõe.

A interdependência, em sociedades sexistas, machistas, racistas e capitalistas, ou seja, sociedades estruturadas nessas relações de opressão, deve ser analisada a partir das hierarquias aí presentes, às quais conferem lugares de maior ou menor poder e privilégios aos indivíduos que aí se relacionam. Nessa hierarquia, ou pirâmide social, no topo ou em lugares de maior poder e privilégio, estão, em geral, sujeitos do sexo masculino, brancos, ricos, heterossexuais e saudáveis e, na base, ou em lugares de menor poder, com menores privilégios, pessoas racializadas, mulheres pobres, imigrantes e pessoas com deficiência, por exemplo. A relação que se estabelece entre tais grupos é tal que aqueles que estão em posições de poder sejam mais facilmente vistos e ouvidos e aqueles que não estão, sejam ignorados e invisibilizados. Nesse modelo, quem está no topo dita as regras, é a norma, e afeta diretamente a vida de quem está na base, ao passo que os da base não têm o poder de afetar substancialmente os do topo. Há relação de interdependência, mas, em função das desigualdades nas relações, há pesos distintos para cada grupo. Aqui é importante compreender que esses pesos distintos das ações de cada grupo são fundamentais para manter ou promover mobilidade social, ou seja, diminuir ou aumentar os processos opressivos. Em última análise, o modo como os grupos se movem, ou não, afeta todos aqueles que se interrelacionam nessa pirâmide.

O que hooks sugere é que, a partir da leitura e compreensão de como se estruturam essas relações, as pessoas possam se envolver umas com as outras, no sentido de se engajarem, de reconhecerem suas localizações ou posições sociais e desenvolverem, no mínimo, a empatia e, no máximo, a solidariedade crítica umas com as outras.

hooks reconhece que nas condições estabelecidas em sociedades fundamentadas em relações de opressão e exclusão, desenvolver tal nível de solidariedade é difícil, mas não impossível se seguirmos a ética do amor, se nos implicarmos e escolhermos agir, nos



responsabilizando por todas as pessoas, reconhecendo os mecanismos de dominação e opressão, com a firme intenção de eliminá-los. Isso, segundo ela, exige atenção e vigilância de cada pessoa sobre si mesma, mas principalmente reconhecimento dos efeitos negativos de processos opressivos e de dominação para a sociedade em geral e para as relações e interações, em particular.

Não há lugar seguro em sociedades estruturadas em relações de opressão e desigualdades. Assim, podemos dizer que, para hooks, a única maneira de garantir que nossas ações promovam a solidariedade crítica é inserir a questão do amor aos movimentos de libertação de opressões de gênero e de raça, os quais delineiam, segundo ela, a opressão de classe.

No que se refere especificamente ao gênero feminino, em *Communion: the female search for love* (2003), hooks nos convoca a olhar como se estruturam as sociedades patriarcais e como o amor atinge as mulheres desde a infância à vida adulta. Ela nos convoca a olhar como somos ensinadas a lidar com o amor. Compreender isso é a chave de compreensão dos níveis de violências às quais, enquanto mulheres, somos submetidas em sociedades estruturadas a partir de relações opressivas. hooks aponta para o fato de que as narrativas acerca das mulheres vão nos colocando em determinados lugares e mulheres e homens internalizam tais narrativas a ponto de serem reproduzidas, mesmo quando causam sofrimento. Afirma hooks:

Desde a infância, aprendemos que as conversas sobre o amor são “genericadas”, um assunto feminino. Nossas obsessões pelo amor não começam com a primeira paquera ou a primeira paixão. Elas começam com aquele primeiro reconhecimento de que as mulheres são menos importantes do que os homens e que não importa o quão boas sejamos, aos olhos do universo patriarcal, nunca somos suficientemente boas. (HOOKS, 2001, *Preface*, p. xi; tradução minha)

hooks propõe, assim, restaurar o lugar do amor nas vidas das mulheres a partir de outras bases, de um amor que traga alegria e liberdade. Para tanto, é necessário, compartilhar a dor, a luta, o abandono que muitas mulheres sofrem a partir de um modelo patriarcal de amor, para que, a partir do reconhecimento de onde vêm os incômodos e dores, seja possível ultrapassá-los. hooks propõe o resgate de nós mulheres por nós mesmas e a abertura de nossos corações para formas não opressivas de amor.

Quanto às questões raciais, em *Salvation: black people and love* (2001), enquanto ela discorre sobre vários pontos de dificuldade de florescimento do amor no que se refere



às pessoas negras (principalmente de se amarem, amarem a outrem e serem amadas), ela reforça a ideia de que os problemas que surgem não são a nível única e exclusivamente subjetivo ou individual, mas de estruturação social e de tudo aquilo que é internalizado pelas pessoas negras e não negras. Nesse sentido, ela diz que sem mudar as estruturas de dominação, continuaremos a viver numa cultura de desamor e reafirma: o amor é ação ética e política:

O amor é profundamente político. Nossa mais profunda revolução virá quando compreendermos esta verdade. Só o amor pode nos dar a força para seguirmos em frente em meio ao desgosto e à miséria. Somente o amor pode nos dar o poder de reconciliar, de redimir, o poder de renovar espíritos cansados e salvar almas perdidas. O poder transformador do amor é a base de toda mudança social significativa. Sem amor nossas vidas não têm sentido. O amor é a retaguarda da questão. Quando tudo se foi, o amor sustenta. (HOOKS, 2001, p.16-17; tradução minha)

### **Educação Libertadora**

Na educação, sob a influência da proposta educacional de Paulo Freire, bell hooks articula questões teóricas com demandas de grupos socialmente subalternizados, incluindo suas próprias experiências e mantendo sua perspectiva de ‘teoria-prática ou vivência-teórica’.

Para ela, teorizar é um processo crítico que pode conduzir a uma mudança em um contexto prático, a um processo de “cura” individual e coletiva. Refletir e desenvolver um pensamento crítico acerca de nossas experiências vividas, é, segundo hooks, essencial para a compreensão do que nos atravessa, nos machuca, situando o lugar a partir do qual podemos iniciar processos de “resgate” de nós mesmas/os. Ela diz que:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de liberação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (HOOKS, 2017, p.86)

No contexto educacional, considerar essa interação é fundamental. A teoria, por si só, não liberta e só cumpre essa função quando dirigida para a experiência e atuação do indivíduo no seu contexto de interações. Segundo hooks, o modo como a teoria é apresentada em ambientes como o acadêmico provoca um abismo entre a teoria e a prática. Nesses ambientes, ela vê a produção de teorias que não possuem relevância para a maioria das pessoas, reforçando a falsa dicotomia entre teoria e prática. Ela aponta para o fato de que “a posse de um termo não fornece existência a um processo ou prática”.



(HOOKS, 2017) Uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer o termo. Por exemplo, uma pessoa pode “praticar” a resistência ao sexismo e ao racismo, sem utilizar os termos “sexismo” e “racismo”. Por outro lado, uma pessoa pode empregar determinados termos, mas não os incorporar enquanto práticas. Há pessoas que conhecem teoricamente os termos “sexismo” e “racismo” sem necessariamente serem feministas ou antirracistas, não se engajando efetivamente nas lutas, por exemplo.

É nesse sentido que surge a noção de “radicalidade da teoria e da prática” nos escritos de hooks. Essa “radicalidade” desafia essas teorias e práticas que se constituem separadamente, ou seja, desafia a produção de saberes que mantêm o *status quo* da classe intelectual dominante e que produz conhecimentos compreendidos por um círculo restrito de pessoas; sem pretensão de intervenção prática na realidade social, não servindo, assim, para acessar e educar um público mais amplo.

hooks rejeita os formatos acadêmicos tradicionais e, inclusive, defende que a teoria não acadêmica, como a tradição oral, seja tão valorizada quanto à acadêmica e concorda que existe a prática sem a “teoria formal”. Mas não descarta, em hipótese alguma, a importância da teoria na prática, através do pensamento crítico.

O pensamento crítico, segundo ela, requer discernimento: “É uma forma de abordar ideias que tem por objetivo entender as verdades centrais, subjacentes, e não simplesmente a verdade superficial que talvez seja a mais óbvia.” (HOOKS, 2020a, p.34) Uma das condições do pensamento crítico é “manter a mente aberta”. (HOOKS, 2020a, p.35) Isso significa manter uma atitude de abertura radical que faz com que não nos apeguemos nem protejamos o nosso ponto de vista, descartando outras perspectivas.

Para hooks, as teorias não fazem sentido se não produzirem um pensamento crítico sobre experiências e práticas. Ao mesmo tempo, movimentos de atuação numa realidade social perdem inteligibilidade, força e direcionamento se não houver uma perspectiva teórica resultante de um pensamento crítico. A partir dessa perspectiva, saberes práticos são produzidos:

A conexão essencial entre pensamento crítico e sabedoria prática é a insistência na natureza interdependente de teoria e fato, associada à consciência de que o conhecimento não pode ser dissociado da experiência. Em última análise, há a consciência de que o conhecimento enraizado em experiência molda o que valorizamos e, conseqüentemente, como sabemos o que sabemos – e, da mesma forma, como usamos o que sabemos. (HOOKS, 2020a, p. 277)



Nesses termos, o despertar do conhecimento e do reconhecimento de experiências, produzindo sabedoria prática, resultam numa educação libertadora que tem como fundamentos a democracia e o engajamento.

Numa educação que se desenvolve em um ambiente democrático, os educadores devem se desafiar a ensinar para além do espaço da sala de aula e aprender com a diversidade de estilos de comunicação. hooks assume que a conversa é o lugar central da pedagogia para o educador democrático e, embora o educador conheça o “valor da norma culta da língua”, ele sabe dar importância à diversidade na linguagem e no ambiente em que ocorre o ensino-aprendizagem. Isso é o que hooks expressa como “honrar a diversidade”, vivenciando-a. O educador democrático deve trilhar o caminho que cria “intimidade que não aniquila a diferença”<sup>1</sup>. (HOOKS, 2021, p.99)

bell hooks aponta para o fato de que a diversidade em escolas e universidades não deve ser somente em termos de discursos e narrativas de inclusão, mas, sim, de convivência efetiva com o diverso, e ressalta que “muitos educadores abraçam a noção de diversidade enquanto resistem ao pluralismo ou a qualquer modo de pensar que sugira que eles não podem encorajar a cultura do dominador”. (HOOKS, 2021, p.97) Segundo a pensadora, as ações afirmativas, apesar de suas muitas fraquezas, conseguiram fazê-lo e foram efetivas em “romper barreiras à inclusão racial e de gênero” (HOOKS, 2021). Pois:

À medida que nossas escolas se tornaram mais diversas, professores passaram a ser profundamente questionados. Velhas ideias sobre estudar o trabalho de outras pessoas a fim de encontrar nossas próprias teorias e defendê-las foram e estão sendo constantemente desafiadas. (HOOKS, 2021, p.97)

Nesse sentido, a educação plural e democrática contribui para a educação libertadora, na medida em que reconhece a legitimidade do diverso, instiga a consciência crítica e a reflexão de modos de estruturação da “cultura dominante”, provocando o “pensar” na direção de modificar estruturas opressoras e buscar a justiça social (abarcando as questões de gênero, raça e classe). A educação liberadora, com base na educação plural e democrática, valoriza, assim, o trabalho com vistas ao bem coletivo e não à competitividade. Tudo isso se traduz numa pedagogia engajada que, segundo hooks:

---

<sup>1</sup> Neste ponto, hooks cita Park Palmer.



(...) é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes [na sua diversidade]. A pedagogia engajada estabelece um relacionamento mútuo entre professor e estudantes que alimenta o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso que sempre está presente quando o aprendizado genuíno acontece. Ao expandir o coração e a mente, a pedagogia engajada nos torna aprendizes melhores, porque nos pede que acolhamos e exploremos juntos a prática do saber, que enxerguemos a inteligência como um recurso que pode fortalecer o bem comum. (HOOKS, 2020a, p.51)

Desse modo, a educação libertadora não enxerga os estudantes de forma meramente passiva, mas, ao contrário, estimula e exige o despertar da criticidade sobre a sociedade em que se vive. Criticidade que envolve o desenvolvimento de um senso de comunidade e de conexão com a coletividade. Em outras palavras, hooks acredita que a educação que liberta conduz ao estabelecimento de comunidades de resistência às cisões entre grupos e entre pessoas, promovendo acolhimento e, sobretudo, pertencimento daquelas/daqueles que experienciam o preterimento social seja por questões de gênero, raça ou classe. As trocas dialéticas em salas de aula e para além delas sustentam o engajamento como possibilidade de enfrentamento das opressões, sexistas, machistas, racistas e classistas que minam nosso senso de conexão com tudo o que nos cerca. A educação libertadora, na proposta de hooks, ensina-nos, portanto, a criar senso de comunidade. Ao final de seu prefácio de *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*, hooks cita Park Palmer que afirma:

Essa comunidade vai muito além do nosso relacionamento cara a cara uns com os outros, como seres humanos. Na educação, principalmente, essa comunidade nos conecta com as [...] “coisas boas” do mundo, e com a “graça das coisas boas”. [...] Estamos em comunidade com todas essas coisas boas, e o bom ensino está relacionado a conhecer essa comunidade, sentir essa comunidade, perceber essa comunidade, e então conduzir seus estudantes a entrar nela. (HOOKS, 2021, p.30)

## **Amor e Educação: Teorias, Experiências e Ações que Libertam**

Compreender bell hooks é se atentar para as experiências de uma mulher negra na encruzilhada interseccional de sociedades reprodutoras de opressões de gênero, raça e classe. Suas reflexões acerca de diversos temas são perpassadas pelo manejo de questionamentos e análises dessas opressões em distintos âmbitos da vida humana e de suas interações. Isso expressa sua preocupação permanente com grupos socialmente subalternizados e, conseqüentemente, uma preocupação permanente com



processos de descolonização de quem vive em culturas patriarcais e de “supremacia branca”.

Para ela, identificar e conhecer as origens dos processos opressivos e de como suas narrativas são reproduzidas, nos permite encarar os problemas advindos das situações opressivas a partir de um outro lugar, nos impulsionando em direção a um caminho de superação das opressões. O amor e a educação são, para ela, elementos-chave que podem conduzir à libertação do machismo, sexismo, racismo e classismo estruturalmente constituintes das sociedades.

Suas propostas tanto no que se refere ao amor quanto à educação fundamentam-se na interação dialética entre teoria, experiência e ação. Não qualquer ação, mas a ação alicerçada numa consciência do lugar que cada uma/um ocupa na estrutura social.

Amar não significa uma simples ação em direção a um sujeito ou a um objeto específico, fruto de interesses individuais e individualistas, mas uma ação ampliada em direção a todas as pessoas e seres que nos circundam. Portanto, amar é desenvolver uma ética amorosa e atuar politicamente. Sem a perspectiva da ética amorosa, hooks afirma que nossa luta acaba sendo somente contra as formas de dominação que afetam diretamente nossos próprios interesses (HOOKS, 2006). A ética amorosa nos permite irmos além de nossas preocupações acerca de nós mesmas/os. O amor, pensado dessa forma, cria empatia e compaixão ampliadas, para além de narrativas simplificadas e sentimentalistas.

Para hooks, “amor” envolve amar a nós mesmas/os e a outras/os que são como e diferentes de nós, para que possamos efetivamente provocar mudanças sociais e políticas e não somente sobreviver em sociedades em que a supremacia branca, patriarcal e capitalista ainda é vigente e estruturalmente forte. Em *O amor como prática da liberdade*, hooks nos diz que:

Uma ética do amor requer trabalho em nome dos outros. Isso facilita uma “renovação do espírito” e nos conduz a “viver em comunidade”, no sentido de que os outros estão conosco na luta pela mudança. Esta ética do amor é uma forma de garantir que nossas intenções sejam puras: sem amor, nossos esforços para nos libertarmos e libertarmos a nossa comunidade mundial da opressão e exploração estão condenados. (1994, p.244, apud NIENHUIS, 2009, p. 206; tradução minha)



A educação pensada a partir das reflexões de bell hooks nos conduz à identificação da influência da obra de Paulo Freire em sua proposta educacional, compreendendo que suas articulações de questões teóricas com demandas de grupos subalternizados caminham com e vão para além de Freire<sup>2</sup>. hooks parte de suas experiências como mulher, negra, professora e educadora e convoca a focarmos nas distintas opressões que recaem sobre grupos subalternizados e isso envolve a consideração de questões de gênero e de raça como questões fundamentais a serem levadas nas reflexões e ações no campo educacional. Sexismo, machismo e racismo devem, segundo ela, ser pautas essenciais da educação. Considerar as questões raciais e de gênero, especialmente as que envolvem as mulheres, mas não somente estas, permite aprofundar no entendimento das situações sociais opressoras.

Teorias, experiências e ações na perspectiva educacional de hooks envolvem postura crítica e acolhimento amoroso, em que a prática se faça presente através do engajamento entre todas/os as/os envolvidas/os no processo educacional. Devemos considerar a crítica, o acolhimento e o engajamento que conduzem à conscientização das diversidades de gênero, raça e classe em sala de aula e fora dela, no contexto social mais amplo.

A educação se expressa, assim, por meio da defesa da democracia e de uma pedagogia crítica e engajada para a efetivação de mudanças sociais revolucionárias, às quais focam na eliminação de estruturas sociais sexistas, machistas, racistas e classistas. Assim como no amor, as ações educacionais devem envolver a libertação coletiva e não individual. O acolhimento do diverso e plural deve transcender discursos e narrativas para efetivamente se expressar por meio de ações conscientes e conscientizadoras por parte de todas/os envolvidas/os com uma educação verdadeiramente libertadora.

---

<sup>2</sup> Freire foi o pensador que forneceu para hooks uma linguagem que a fez refletir “profundamente” sobre a construção de uma identidade de resistência. (hooks, 2017, p. 66) Contudo, sua admiração pelo trabalho dele não a fez simplesmente idealizar o educador sem identificar, por exemplo, o sexismo de sua linguagem e o modo como ele “constrói um paradigma falocêntrico”. Ela não vê a sua não rejeição do pensamento de Freire como uma contradição de seu próprio pensamento, por estar engajada em movimentos feministas. Segundo hooks, foi o pensamento feminista que a permitiu desenvolver uma crítica construtiva da obra de Freire. Ela ainda salienta que ter uma postura crítica não implica necessariamente em rejeição.



Em última análise, a pedagogia crítica e engajada é a prática dialética impelida pelas experiências humanas concretas. Ao enfatizar a relevância de se tratar de questões de gênero e de raça no âmbito da educação, hooks coloca em foco as situações das pessoas subalternizadas pelas opressões de gênero e raciais; as relações sociais que condicionam as culturas “supremacistas brancas, patriarcais e capitalistas” dentro de comunidades oprimidas e amplia a noção dialética para incluir os efeitos de relações de exploração na produção do conhecimento em particular, e na educação em geral. A efetivação do “pensar-prático” na educação resgata a honestidade e a integridade do ensino-aprendizagem. Para hooks “A integridade está presente quando há congruência ou concordância entre o que pensamos, dizemos e fazemos.” (HOOKS, 2020b, p. 64)

Amor e educação libertadores envolvem, portanto, teorias, experiências e, sobretudo, ações conscientes. A partir do “olhar da consciência” quaisquer interações se estruturam de um outro lugar. Um lugar em que se compreende que gênero e raça afetam relações de classe e que devem ser tratados a partir dessa perspectiva em distintas reflexões que nos permitam pensar na articulação de ambos – amor e educação – talvez “um amor educativo ou uma educação amorosa” para a libertação de todos os seres.



### **Breves Reflexões Finais**

Para mim, escrever sobre bell hooks e não me reportar às minhas experiências enquanto mulher, negra, filósofa, professora e educadora, é reproduzir narrativas e discursos aos quais hooks se refere como opressores e que ficam no campo da teoria, sem experiência e ação.

hooks, acima de tudo, me provocou a enxergar as minhas experiências de forma a desenvolver a compreensão da máxima “o pessoal é político”. A articulação de vivências privadas com teorizações do feminismo negro e de reflexões antirracistas foi e é algo extremamente potente na minha trajetória. A potência reverberou em minhas teorizações, experiências e ações práticas que decorreram e decorrem daí.

Em sociedades “supremacistas brancas patriarcais e capitalistas”, como hooks refere, ser mulher negra é praticar re-existências constantemente. As propostas “amorosas e educacionais” de hooks apontam incisivamente para os problemas que afetam a todas as

peças que compartilham experiências em sociedades estruturadas em relações de opressão. hooks nos convoca a olhar para isso e não somente apontar o problema, mas buscar soluções.

Minha identificação com hooks, além de outros elementos, vem desse lugar; de um lugar de crítica não somente negativa, mas propositiva; lembrando sempre que a resolução dos problemas não cabe somente a quem pertence aos grupos subalternizados, mas a todas as pessoas que convivem e interagem nesse contexto social. O desenvolvimento da consciência do lugar de cada um/a, inclusive de quem está em situação de privilégio, é fundamental. Segundo ela:

Devemos ressaltar todas as recompensas positivas e transformadoras resultantes de esforços coletivos para mudar nossa sociedade, sobretudo a educação, para que esta não seja espaço para afirmação de nenhuma forma de dominação. Precisamos que movimentos políticos de base convoquem os cidadãos a sustentar a democracia e os direitos de todos à educação e a trabalhar em prol do fim da dominação em todas as suas formas – trabalhar por justiça, mudando nosso sistema educacional para que a escolarização não seja um cenário onde alunos e alunas são doutrinados a apoiar o patriarcado capitalista imperialista supremacista branco ou qualquer ideologia, mas, sim, onde aprendem a abrir a mente, a se engajar em estudos rigorosos e a pensar de forma crítica. (HOOKS, 2021, p.26)



Com e para além de bell hooks, que é o que ela propunha, estou constantemente renovando minhas reflexões, percepções e experiências de que o caminho é árduo, mas como ela mesma afirmava, possível e, sobretudo, libertador.

### Referências Bibliográficas:

DAVIDSON, Maria del Guadalupe and YANCY, George (eds.) *Critical Perspectives on bell hooks*. New York and London: Routledge, 2009.

hooks, bell. *Salvation: Black People and Love*. New York: Harper Perennial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Communion: The Female Search for Love*. New York: Harper Perennial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006.

hooks, bell. *Teaching Community: a pedagogy of hope*. New York and London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*; tradução Marcelo Brandão Cipolla. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes WMF, 2017. (1994)

\_\_\_\_\_. *Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020a. (2013)

\_\_\_\_\_. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020b. (2000)

\_\_\_\_\_. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.



LEAL, Halina Macedo. AMOR E EDUCAÇÃO LIBERTADORES EM BELL HOOKS. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22014, p. 01-15.

Recebido: 04/2022

Aprovado: 05/2022